

A Utopia nos romances filosóficos dos Iluministas franceses:

O *Suplemento à viagem de Bougainville* de Diderot como exemplo paradigmático ¹

Maria do Rosário Monteiro

(CHAM – FCSH/NOVA-UAc)

Resumo

Neste artigo serão analisadas algumas características das manifestações utópicas presentes nos romances filosóficos do Iluministas pré-revolução Francesa, tendo como texto exemplar o *Suplemento à viagem de Bougainville*, de Denis Diderot, figura maior do pensamento iluminista francês. O objectivo será o de tentar perceber porque é que num século em que a produção de utopias literárias atinge as várias centenas e a sua diversidade parece avessa a qualquer generalização redutora, as figuras cimeiras do movimento filosófico francês anterior à Revolução Francesa – Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Diderot – não utilizaram a utopia como forma de expressão da cultura iluminista.

Palavras-chave: Utopia, Iluminismo, Diderot.

Abstract

«Utopia in the French writers during Enlightenment: *Souplement au Voyage de Bougainville*, a case study»

The text will focus on some utopic themes present in French Enlightenment writers, and particular in Diderot's *Souplement au voyage de Bougainville*. The aim is to try to understand why the major authors of French Enlightenment prior to the French Revolution– Denis Diderot, Voltaire, Montesquieu, Rousseau – did use Utopia as a way

¹ Texto revisto da comunicação apresentada no Colóquio Internacional “Desenvolvimento dos Estudos do século XIII em Portugal – Percursos”, organizado pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian nos dias 3 e 4 de Dezembro de 2012.

to express their cultural and political preferences.

Keywords: Utopia, Enlightenment, Diderot.

1. Tentativa de Caracterização das Utopias francesas do século XVIII.

As utopias do século XVII, apesar da sua diversidade, apresentam um traço comum que parece defini-las: as sociedades utópicas são resultado do esforço legislador de um grupo ficcional que assume o objectivo de moldar uma sociedade tornando-a igualitária e cristã. Significativamente, em *Utopian Thought in the Western World* (MANUEL e MANUEL, 1979), obra fundamental para o estudo da utopia na sua dimensão literária e política, Frank Manuel intitula o capítulo dedicado à utopia no século XVII como “Florescimento e Morte da Utopia Cristã” [“Flowering and Death of the Christian Utopia”] (1979: p. 203). Quando regressamos ao século XVIII e lemos as utopias publicadas durante esse período, detectam-se algumas características distintivas que assinalam a mudança dos tempos, da cultura, das preocupações filosóficas e as evidentes marcas de decadência de instituições tidas como fundamentais. Há uma nova *weltanschauung* europeia, emergindo e marcando o período final do *Ancient Régime*, que pede e procura respostas diferentes para velhos problemas.

A primeira constatação que podemos tirar da história das utopias setecentistas é a da laicização do pensamento utópico. Penso que esta será a marca mais constante num universo utópico caracterizado pela diversidade de propostas, de formas e de objectivos, para além da natural diversidade qualitativa. Frank Manuel defende que, durante o século XVIII, apesar da diversidade irreduzível a um único título, é possível observar cinco orientações diferentes: a dos principais filósofos, como Voltaire e Montesquieu, a de Rousseau, a dos romances populares, a dos projectos de comunitarismo teórico e, no final do século, a dos profetas do futuro e do progresso (1979: p. 414).

2. O discurso utópico em Diderot.

Diderot segue a linha dos grandes filósofos pré-revolução. Figura multifacetada, complexa, um intelectual cuja actividade se divide por variadas tarefas, detentor de um saber enciclopédico e eclético, o pensamento de Diderot caracteriza-se nesta diversidade pela recusa sistemática da síntese. Incessantemente envolvido na vida intelectual de Paris, este burguês aceite pelos seus pares, mas sobretudo pela aristocracia intelectual, mereceu o respeito e o reconhecimento da sociedade francesa, sem nunca perder a paixão pela polémica, pela refutação intelectual, pela boa vida e pelas mulheres.

No que se refere ao pensamento político, Diderot partilha com os maiores da filosofia iluminista com quem privava, e com o pensamento científico inaugurado por Bacon, a clara noção de que o mundo é composto de mudança, de que nada é eterno, de que tudo passa, o bom e o mau.

Esta noção de alteridade é ampliada com a dos ciclos civilizacionais recorrentes, que Diderot herdou de Giambattista Vico, em particular da obra *Scienza Nuova*, publicada em 1725 (VICO, 1862). No verbete sobre a “Enciclopédia”, inserido no volume 5, da primeira edição (ALEMBERT e DIDEROT, 1751-1765: p. 637), Diderot manifesta abertamente a sua adesão ao princípio dos ciclos positivos e negativos da civilização, chegando mesmo a afirmar que o momento em que uma obra como a Enciclopédia ganhará toda a sua importância “será aquele que se suceder imediatamente a uma grande revolução que tenha suspenso o progresso das ciências e interrompido o das artes, e mergulhado nas trevas uma parte do nosso hemisfério” (DIDEROT, 1875: vol. 14, p. 428; DIDEROT et al., 2013: p. 637A).

O pessimismo inerente a esta visão sobre a evolução humana surge no texto de Diderot associado à dúvida sobre os limites do conhecimento humano e da evolução da humanidade, o que coloca Diderot longe ainda da fé no progresso infinito que marcará o

pensamento de alguns filósofos no final do século XVIII, e que justificará uma das mais profundas mudanças introduzidas no código da utopia literária, a saber, a sua projecção num espaço e num tempo futuro identificável ².

Uma das marcas mais visíveis na extensa obra de Diderot é a da sistemática recusa da síntese redutora, do sistema fechado. Disso a *Encyclopédie* é uma prova viva. Se é inegável a adesão de Diderot ao conceito de que “a liberdade civil se funda sobre as melhores leis possíveis e num estado que as favorece” (DIDEROT et al., 2013: vol. 9, p. 472; DIDEROT, 1875: vol. 15, p. 510), a sua formação e coerência intelectual forçam-no a olhar com suspeita o conceito de sociedade utópica, eterna e imutável.

Compreende-se assim que Diderot partilhe, com os seus colegas enciclopedistas, um certo desprezo pelos “devaneios” utópicos dos seus antecessores, mesmo dos mais venerados, como Francis Bacon, que merece um longo encómio, mas sem qualquer referência à *Nova Atlântida* (DIDEROT, 1875: vol. 13, p. 129-158). O Cavaleiro de Jaucourt, autor dos verbetes sobre geografia, aproveita a oportunidade para expressar a opinião colectiva sobre as utopias ao inserir no verbete sobre o Condado de Rutland, terra natal de Harrington, um comentário breve a *Oceana*, mas tornado significativo por se encontrar na conclusão do texto. Diz ele:

A *Oceana* de Harrington, como afirma o Sr. Hume, convinha perfeitamente ao gosto de um século em que os planos de repúblicas imaginárias eram tema de contínuos debates e conversas, como acontece ainda hoje; reconhecemos nessa obra o mérito do génio e da invenção. Contudo, a perfeição e a imortalidade numa república parecerá sempre tão quimérica quanto num homem.” (DIDEROT et al., 2013: vol. 14, p. 448).

Combinando este desprezo pelos devaneios utópicos com a adesão inegável ao conceito de liberdade defendido por Diderot, como podemos definir a posição política e

² Esta transformação fundamental na estrutura da utopia literária será protagonizada por Louis-Sébastien Mercier com a obra *L'an deux mille quatre cent quarante* (MERCIER, 1772).

A Utopia nos romances filosóficos dos Iluministas franceses

estética deste autor, que faz depender a liberdade cívica das boas leis promulgadas pelo bom estado. Primeiro, teremos de assumir que, para ele, a liberdade é, como tudo na sociedade e no homem, transitória. Mas isso não inviabiliza o desejo de perfeição e de conhecimento como motor da evolução.

Diderot chega mesmo a definir com alguma extensão e profundidade o seu conceito de sociedade ideal, contingente mas não perfeita. Fá-lo no *Salon de 1767*, incluído nas *Obras Completas*. Num longo debate entre Diderot e o seu alter-ego, quando interrogado onde desejaria viver, uma vez que nem o apelo do bom selvagem nem nenhuma das épocas anteriores lhe merecem adesão, Diderot apresenta o seu projecto de sociedade evoluída:

“Senhores da nação estendei a mão a Ceres; reerguei os seus altares. Ceres é a mãe comum a todos. Senhores das nações fazei com que os vossos campos sejam férteis; aliviad o agricultor do peso que o esmaga. Que aquele que vos alimenta possa viver; que aquele que vos veste não esteja nu. A agricultura, eis o rio que fertiliza o vosso império. Fazei com que as trocas se multipliquem em cem maneiras diferentes. Não mais tereis um punhado de súbditos ricos, tereis uma nação rica. [...] O luxo será o símbolo de uma opulência geral e não a máscara de uma miséria comum. Senhores das nações retirai ao ouro o seu carácter representativo de todo o mérito. Aboli a venalidade nas funções públicas. Que aquele que tem ouro possa ter palácios, jardins, quadros, esculturas, vinhos deliciosos, belas mulheres, mas que ele não possa pretender sem mérito alcançar uma função honrada no Estado. Então tereis cidadãos esclarecidos, súbditos virtuosos. Haveis atribuído penas aos crimes, atribuí também recompensas às virtudes, e receai apenas o passar do tempo, enquanto durar o vosso império. O destino que regula o mundo ordena que tudo passe. A condição mais feliz do homem e de um Estado tem o seu fim. Tudo contém em si o germe secreto da destruição. [...] [A felicidade está na] virtude, na sabedoria, nos costumes, no amor dos filhos pelos pais, no amor dos pais pelos filhos, na ternura do soberano pelos seus súbditos, na dos seus súbditos pelo soberano, nas boas leis, na boa educação, no desafogo geral: indicai-me em que parte do mundo se usufrui destes proveitos e partirei para lá, nem que seja na China. [...] No império, o céu produz um senhor que cria ou que destrói; no ciclo das raças um

A Utopia nos romances filosóficos dos Iluministas franceses

descendente que enriquece ou que se arruína. Esta é a sentença imutável da natureza. Submetei-vos. (DIDEROT, 1875: vol. 20, p. 93-94)

É tendo em mente estas afirmações que se pode entender melhor a breve utopia que Diderot desenvolve em *Suplemento à viagem de Bougainville*, escrito em 1772 e publicado pela primeira vez em 1776, (DIDEROT, 1875: vol. 2, pp. 195-250; 2008). A génese do texto é o volume de Louis Antoine de Bougainville, *Voyage autour du monde par la frégate La Boudeuse et la flûte l'Etoile; en 1766, 1767, 1768 & 1769*, publicado em 1771, onde o navegador relata a sua viagem ao serviço do rei de França (BOUGAINVILLE, 1771). Nos capítulos I a III da Segunda Parte (1771: pp. 175-232), Bougainville descreve a sua chegada e estadia em Taiti. Os capítulos são desiguais no tom e na forma. Num primeiro contacto o navegador dá conta de uma sociedade acolhedora, constituída por homens e mulheres saudáveis, deixando um tom geral de apreço por aquela sociedade que os recebeu de forma fraterna:

Quando nos dirigíamos para terra, as velas enfoladas, apontando à baía, apercebemo-nos da presença de uma piroga que vinha do largo e se dirigia para nós servindo-se de uma vela e das pagaias. Passou diante de nós e juntou-se a uma infinidade de outras que de toda a parte da ilha acorriam para nós. Uma precedia as outras, era conduzida por doze homens nus que nos ofertaram ramos e bananeira, e as suas manifestações atestavam, que esses ramos tinham o mesmo significado que o ramo de oliveira. [...] Acostaram ao navio e um deles, notável pela sua enorme cabeleira penteada em canudos, ofereceu-nos juntamente com seu ramo da paz, um pequeno leitão e um cacho de bananas. Aceitámos a sua oferenda, quer ele prendeu a uma corda quer lhe lançámos. Nós oferecemos-lhe gorros e lenços e estes primeiros presentes foram o testemunho da nossa aliança com aquele povo. Rapidamente, mais de cem pirogas, de todos os tamanhos, cercaram os dois navios. Vinham carregados de cocos, bananas e de outros frutos da ilha. Trocaram todos esses frutos deliciosos para nós por todo o tipo de bagatelas. (BOUGAINVILLE, 1771: p. 186)

Contudo, logo no capítulo seguinte começam a surgir os problemas,

nomeadamente quando os marinheiros se preparam para pernoitar na ilha, o que lhes é proibido (BOUGAINVILLE, 1771: pp. 194-195). Progressivamente, Bougainville vai dando conta dos defeitos que vai encontrando durante a estadia naquele paraíso terrestre: o envolvimento constante em guerras fratricidas entre ilhéus vizinhos, os actos de violência desumana, a disseminação das doenças venéreas, a pobreza intelectual dos indígenas que parecem incapazes de qualquer esforço racional continuado e profícuo, estando sempre prontos a ceder aos desejos e às emoções.

Que Diderot tem pelo texto de Bougainville apreço intelectual, reconhecendo os méritos intelectuais do seu autor, torna-se evidente pelo facto de escrever um suplemento e não uma refutação. As omissões evidentes, e o aproveitamento parcial das informações que encontramos no *Suplemento* resultam claramente dos objectivos estéticos e políticos que Diderot pretende atingir. O *Suplemento* é fundamentalmente uma crítica à sociedade francesa, elegendo como alvo preferencial as contradições legais, a sobreposição de códigos de conduta contraditórios (civis e religiosos), a subversão dos valores colectivos. No longo diálogo entre o padre e o indígena Oru encontramos um dos princípios básicos de todas as utopias: o bem comum. Diz Otu:

Quereis saber o que é bom e o que é mau em todo o tempo e em todo o lugar? Atém-te à natureza das coisas e das acções; às tuas relações com o teu semelhante; à influência da tua conduta sobre a tua utilidade particular e o bem geral. Deliras se crês que haja o que for [...] em todo o universo que possa somar-se ou subtrair-se às leis da natureza. A sua vontade eterna é que o bem seja preferido ao mal e o bem geral ao particular. (DIDEROT, 2008: 40-41)

A este princípio junta-se o da justiça como fundamento do estado. Sem uma justiça racional, equilibrada e constante nos seus princípios só resta o caos social:

Quando nos permitimos dispor a bel-prazer das ideias de justiça e de propriedade, retirar ou dar um carácter arbitrário às coisas, unir as acções ou separar delas o bem e o mal sem consultar mais do que o capricho, reprovamo-nos, acusamo-nos, suspeitamo-nos, tiranizamo-nos,

A Utopia nos romances filosóficos dos Iluministas franceses

invejamo-nos, temos ciúme, enganamo-nos, afligimo-nos, escondemo-nos, dissimulamos, espiamos-nos, surpreendemo-nos, querelamos, mentimos

A ideia de solidariedade entre as gerações e a de que os filhos são um bem para o próprio colectivo, expresso no *Salon* que referi, surge também no diálogo entre o padre e Otu a propósito da família.

Uma criança é um bem precioso, porque se tornará um homem. [...] Um filho que nasce é ocasião de alegria doméstica e pública. É um acréscimo de fortuna para a cabana e de força para a nação. [...] Vemos nele um agricultor, um pescador, um caçador, um soldado, um esposo, um pai. (DIDEROT, 2008: 44)

Não pode faltar nesta utopia de Diderot o combate à religião, e fundamentalmente à Igreja enquanto instituição que se afirma como um estado dentro do estado, um poder não escrutinado, uma fonte de comportamentos irracionais e contraditórios, uma sombra que obscurece a luz da razão. Aqui estamos já longe das utopias do século anterior. A utopia setecentista caracteriza-se, pelo menos em algumas delas, pela defesa da laicização do estado, da separação dos poderes e pela defesa da separação inequívoca entre o poder temporal e o poder espiritual.

3. Conclusão.

O obscurantismo, o vício, a ritualidade vazia, o predomínio das emoções, são os alvos contra os quais a utopia, desde More, assenta baterias, e o mesmo sucede, naturalmente, na utopia de Diderot. Mas, ao contrário do que acontece na esmagadora maioria das utopias pós-moreanas, que apresentam apenas a visão utópica, Diderot mantém o diálogo entre a utopia e a distopia, através das interrupções na narrativa e da introdução dos comentários de A e B relativamente ao que vai sendo narrado. Isto contribui para o desenvolvimento de um movimento pendular entre os aspectos positivos e negativos das sociedades, levando o leitor ao comentário crítico quer do mundo

distópico de A e B, quer da própria utopia, pois o leitor deverá manter presente que está a ler um suplemento a um texto prévio que deve conhecer e onde as críticas são formuladas explicitamente.

Diderot consegue, assim, manter um diálogo entre a ficção utópica e o relato factual de Bougainville, lançando a dúvida sobre a própria viabilidade de uma sociedade que, objectivamente, apresenta defeitos concretos, aspectos negativos.

Dito de outro modo, o texto de Diderot está de acordo com as posições enunciadas no *Salon* de 1767, bem como com as posições dos enciclopedistas relativamente à utopia. Ela é uma quimera, útil a um espírito iluminado, que compreende e assume a transitoriedade como inerente à vida dos homens e das sociedades. Por isso, no final do texto, tal como faz More no final de *Utopia*, as ideias que deverão perdurar no espírito do leitor são as da impossibilidade da utopia e mas também a da perenidade do desejo de viver melhor. Quando A interroga B sobre o que fazer então para que a vida na distopia, na vida real, se torne mais perfeita, B responde:

- Falaremos contra as leis insensatas até que as reformem e entretanto, submetemo-nos a elas. Aquele que valendo-se da sua autoridade privada, infringe uma lei má, autoriza qualquer outro a infligir as boas. Há menos inconveniente em ser louco entre os loucos do que em ser sábio a sós. [...] Clamemos incessantemente que se ligaram a vergonha, o castigo e a ignomínia a acções em si mesmas inocentes; mas não as cometamos, porque a vergonha, o castigo e a ignomínia são os maiores de todos os males. Imitemos o bom capelão, monge em França, selvagem no Taiti. [...] E sobretudo ser honesto e sincero até ao escrúpulo com seres frágeis que não podem fazer a nossa felicidade sem renunciar às vantagens mais preciosas das nossas sociedades. (DIDEROT, 2008: 79)

O mundo melhor é possível, nem que seja por um breve momento, a utopia é quimera irrealizável. O que fica então para Diderot e muitos iluministas: a racionalidade e a lucidez de ser capaz de, a cada momento, reconhecer o bem e o mal, de denunciar o

segundo, de praticar o primeiro e de ter a humildade de reconhecer os méritos e deméritos humanos como inerentes à essência da humanidade.

Obras consultadas:

- ALEMBERT, D' e DIDEROT, Denis (1751-1765), *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*. 1ª ed. Paris; Neufchastel: Briasson; Samuel Faulche.
- BOUGAINVILLE, Louis Antoine de Count (1771), *Voyage autour du monde par la frégate La Boudeuse et la flûte l'Etoile; en 1766, 1767, 1768 & 1769*. 1ª ed. Paris: Chez Saillant & Nyon.
- DIDEROT, Denis (2008), *Suplemento à Viagem do Bougainville*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fenda.
- (1875), *Oeuvres complètes de Diderot revues sur les éditions originales... Etude sur Diderot et le mouvement philosophique au XVIIIe siècle*. Paris: Garnier frères.
- DIDEROT, Denis, ALEMBERT, Jean le Rond D' e MORRISSEY, Robert (2013) *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.* Available at: <http://encyclopedia.uchicago.edu/>. (acedido em Fevereiro de 2013).
- MANUEL, Frank E. e MANUEL, Fritzie P. (1979), *Utopian Thought in the Western World*. Cambridge, Mass.: Belknap Press. ISBN: 978-0674931862.
- MERCIER, Louis-Sébastien (1772), *L'an deux mille quatre cent quarante. Rêve s'il en fût jamais*. Londres: [s.n.].
- VICO, Giambattista (1862), *Principj di scienza nuova: d' intorno alla comune natura delle nazioni*. Milano: Presso il Librajo-Editore F. Perelli.

Data da revisão: Janeiro 2015

Maria do Rosário Monteiro